

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa  
Prova 734 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2017**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

---

---

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

## GRUPO I

Leia a cantiga de Pero Garcia Buralês. Se necessário, consulte as notas.

Roi Queimado morreu com amor  
em seus cantares, par Santa Maria,  
por ùa dona que gram bem queria;  
e, por se meter por mais trobador,  
5 por que lh'ela nom quis [o] bem fazer,  
feze-s'el em seus cantares morrer,  
mais resurgiu depois, ao tercer dia.

Esto fez el por ùa sa senhor  
que quer gram bem; e mais vos ém diria:  
10 por que cuida que faz i maestria,  
enos cantares que fez, á sabor  
de morrer i e des i d'ar viver;  
esto faz el, que x'o pode fazer,  
mais outr'omem per rem nono faria.

15 E nom á ja de sa morte pavor,  
se nom, sa morte mais la temeria,  
mais sabe bem, per sa sabedoria,  
que viverá, des quando morto for;  
e faz-[s']em seu cantar morte prender,  
20 des i ar vive: vedes que poder  
que lhi Deus deu, – mais queno cuidaria!

E se mi Deus a mi desse poder  
qual oj'el á, pois morrer, de viver,  
ja mais morte nunca [eu] temeria.

*A Lírica Galego-Portuguesa*, ed. de Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, 2.<sup>a</sup> ed.,  
Lisboa, Comunicação, 1985, p. 230.

### NOTAS

*á sabor / de morrer i e des i d'ar viver* (versos 11-12) – tem gosto em morrer neles e depois voltar a viver.

*ém* (verso 9) – isso (o assunto).

*faz i maestria* (verso 10) – nisso mostra grande talento.

*nono* (verso 14) – não o.

*per rem* (verso 14) – por coisa nenhuma.

*por se meter por mais trobador* (verso 4) – para se mostrar melhor trovador.

*qual oj'el á, pois morrer, de viver* (verso 23) – que ele hoje tem, que é o de viver depois de ter morrido.

*queno* (verso 21) – quem o.

1. Com base na primeira estrofe do poema, explicita dois dos motivos pelos quais Roi Queimado é alvo da sátira de Pero Garcia Buralês.
2. Refira de que modo a crítica inicial é desenvolvida na segunda e na terceira estrofes, destacando dois aspetos relevantes.
3. Proceda à análise formal da cantiga, no que respeita à estrutura estrófica e à rima.
4. Analise a importância da finda para o sentido geral do poema.

## GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

- Era meio-dia quando o Elias Carrusca chegou ao Monte de Alba Grande. A casa, de janelas e portas fechadas, pareceu-lhe deserta; apenas o Maia, um velho criado da herdade, atraído pelo tropear do cavalo, apareceu entre as ombreiras do largo portão da adega. Desmontou. E, de rédea sobre o braço, a passos duramente marcados no terreiro de chão
- 5 batido, a sua alta e poderosa figura cresceu sobre o camponês. Brusco, indagou:  
– O filho do teu patrão?  
O Maia observou-lhe atentamente o rosto demudado, onde a barba de dias negrejava.  
– Foram todos, ontem, para a vila... – respondeu com voz apreensiva, lenta. – Mas o patrão António ainda cá volta.
- 10 – Hoje?  
– Sim, senhor...  
Os olhos de Elias Carrusca, grandes e salientes, erraram, indecisos, pelo chão.  
– Há alguma novidade? – prosseguiu o velho Maia.  
Como não obtivesse resposta, fingindo-se alheado, sacou da onça e do livro de mortalhas.
- 15 Com gestos vagarosos pôs-se a enrolar o cigarro. Preparava-se para petiscar lume na acendalha de cordão amarelo quando, erguendo a cabeça, semicerrou os olhos sob a grande aba do chapéu todo deformado pelo uso:  
– Creio que é ele que aí vem.  
Elias Carrusca voltou-se.
- 20 Sobre o plaino batido pela luz crua do sol, um cavaleiro avançava para o monte. Ao chegar à azinheira, solitária naquele ponto da herdade, meteu a galope. Inesperadamente, quase à entrada do terreiro, o animal tropeçou e caiu sobre as patas, de focinho estendido. Destribado, o cavaleiro rolou pelo chão fora.  
Abrindo os braços numa expectativa, o velho Maia deu dois passos em frente. Elias
- 25 Carrusca continuou imóvel, como se nada tivesse acontecido.  
Rápido, António de Alba Grande ergueu-se. No rosto magro, ossudo, os olhos resplandeciam-lhe numa expressão feroz. Deu um puxão às rédeas e, atirando um pontapé ao cavalo, obrigou-o a levantar-se. De pescoço esticado para o alto, sacudindo a cabeça, o animal recuava, coxeando. Com um assobio modulado, o Alba Grande aquietou-o. Ajoelhou-se e,
- 30 segurando-lhe a perna, dobrou-lha repetidas vezes pelo jarrete, tentando.  
– Eu estava à espera disto! – exclamou para o Maia, que se aproximava. – Leva-o lá!  
Endireitou-se, caminhando para o terreiro. Era alto, de ombros largos. Tal como Elias Carrusca, vestia jaqueta justa, botas caneleiras. Da emoção da queda, os seus olhos, muito negros, ainda rebrilhavam, irados.
- 35 – O estupor fez-me cair, hem!  
Mas ao atentar melhor no rosto de Elias Carrusca estacou, concentrando-se, como se instintivamente deparasse com um inimigo.  
– Que há...?  
Elias Carrusca deixou que o velho Maia se afastasse com o cavalo. Só então respondeu:
- 40 – Tenho que falar contigo – disse. – Vim aqui para falar contigo.  
Frente a frente, os dois homens encaravam-se de olhar fixo.

– Ouve – recomeçou pausadamente Elias Carrusca. – Tu namoras a minha irmã; já toda a gente o sabe... Mas andas metido com a filha dos lavradores da Pedrosa, essa a que chamam a Zabela...

45 Como duas asas esgalhadas, os ásperos sobrolhos do Alba Grande ergueram-se, agressivos:

– Que tens tu com isso?

– Nada, por enquanto... – volveu Elias Carrusca. – Mas vieram contar-me que ela ia hoje a minha casa para pôr tudo a limpo... Agora, ouve-me bem: eu não quero escândalos. Se tal

50 acontecer, tens que entender-te comigo. Só te queria dizer isto.

Manuel da Fonseca, «Amor Agreste», *O Fogo e as Cinzas*, 11.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Caminho, 1983, pp. 81-83.

## NOTAS

*demudado* (linha 7) – perturbado.

*Destribado* (linha 22) – sem estribos; sem rédeas.

*jarrete* (linha 30) – tendão ou nervo da curva da perna, nos quadrúpedes.

*onça* (linha 14) – pequeno pacote de tabaco em fio.

*petiscar* (linha 15) – produzir fogo por fricção ou atrito.

1. Caracterize o espaço e o tempo em que decorre a ação.

2. Releia o texto da linha 1 à linha 19.

Descreva, com base nessa passagem, os comportamentos de Elias Carrusca e do velho Maia.

3. Refira o valor expressivo da repetição presente nas primeiras duas frases que Elias Carrusca dirige a António de Alba Grande (linha 40).

4. Explícite os traços de agressividade associados à personagem de António de Alba Grande.

### GRUPO III

Tendo em conta a sua experiência de leitura, analise dois aspetos relevantes da obra poética de um dos autores abaixo indicados.

Para cada poeta, e a título meramente exemplificativo, apresentam-se aspetos que poderá abordar na sua resposta.

- Almeida Garrett – a dimensão parateatral da poesia; as imagens da mulher romântica;
- Antero de Quental – a reflexão filosófica; a busca do ideal;
- Cesário Verde – o binómio cidade/campo; os modos de representação da mulher;
- António Nobre – a nostalgia da infância; a valorização da tradição e da cultura populares;
- Camilo Pessanha – a musicalidade; o poder sugestivo dos símbolos.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e cinquenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do poeta por si selecionado.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES

Grupo	Item				Cotação (em pontos)
	1.	2.	3.	4.	
I	20	20	20	20	80
	20	20	20	20	
II	20	20	20	20	80
	20	20	20	20	
III	Item único				40
TOTAL					200

**Prova 734**

2.<sup>a</sup> Fase